

Banqueiro lança vinho

HELDER C. MARTINS

A PRODUÇÃO de vinho numa herdade alentejana é o novo projecto de José Manuel de Mello e da sua família e surge à margem dos negócios desenvolvidos pelo grupo empresarial. O objectivo é tornar o vinho produzido no Monte da Ravasqueira, perto de Arraiolos, numa referência no Alentejo a médio prazo. O primeiro vinho, uma colheita de 2002, foi lançado em Novembro, sob a marca Fonte da Serrana. O investimento na vinha, na adega e nos equipamentos rondou os 2,75 milhões de euros.

«A decisão que tomei, no final da década de 90, de desenvolver um projecto empresarial de produção de vinhos de elevada qualidade no Monte da Ravasqueira, em Arraiolos, visa fundamentalmente aproveitar as excelentes condições geológicas e climáticas do Alentejo, respeitando ao mesmo tempo a riqueza, a história e o ambiente natural únicos da região», diz José Manuel de Mello.

«Quando optei por substituir zonas de pomar por vinha, na sequência de estudos geológicos para a escolha das castas e dos melhores locais para a plantação de vinha, assumi o compromisso de investir na criação das melhores condições ao nível das instalações de controlo meteorológico e fitossanitário, além de equipamentos enológicos, que fazem da nossa adega uma das mais modernas do país», salienta.

Este processo teve o apoio técnico de vários consultores e das universidades de Trás-os-Montes, Évora e Bordéus.

«O passo seguinte foi a

constituição de uma equipa, que acompanho de forma interessada e na qual confiei a missão de concretizar um projecto de excelência e qualidade», acrescenta José Manuel de Mello.

«O projecto do vinho surge também para responder a uma preocupação social, que era criar na herdade uma actividade agrícola rentável e com futuro, de modo a substituir explorações cujo ciclo de vida estava a chegar ao fim. No fundo, o vinho é uma sequência lógica da exploração da herdade», afirma o administrador da Sociedade Agrícola D. Diniz, Manuel Amaral Cabral.

Em 1999 iniciaram-se os estudos de solos, abriram-se as trincheiras e escolheram-se as castas e porta-enxertos mais adequados. No ano seguinte foram plantados 17 hectares com as castas Aragonês, Trincadeira, Cabernet Sauvignon, Alfocheiro e Touriga Nacional. Em 2002 seguiu-se o plantio de mais 15,5 hectares de Syrah, Petit Ver-

José Manuel de Mello lança-se a título pessoal na produção de vinho

dot, Touriga Franca e Alicante Bouchet.

As castas brancas representam 7% da área de vinha, com predominância para Arinto e Antão Vaz. «Estamos a fazer uma experiência com duas castas brancas de fora da região: Semillon e Alvari-

nho», revela Manuel Amaral Cabral.

«Depois de plantar a vinha, construímos, dois anos mais tarde, a adega, que tem muito da concepção industrial de José Manuel de Mello», declara por seu turno o administrador Filipe de Mello.

A primeira colheita, de 2002, já está no mercado, sob o nome Fonte da Serrana, de que foram feitas 15 mil garrafas, com uma distribuição muito seleccionada. «Entre Maio e Julho de 2004 será lançado o Fonte da Serrana 2003, do qual foram feitas 115 mil garrafas, e em 2005 será lançado um vinho superior do Monte da Ravasqueira», adianta Filipe de Mello. «Quando a agricultura o permitir, faremos um vinho reserva ou mesmo garrafa».

Segundo outro administrador, José Weber Ramos, o investimento na vinha, na adega e nos equipamentos rondou os 2,75 milhões de euros, além dos subsídios comunitários recebidos para a plantação. «O objectivo é, dentro de sete ou oito anos, tornar o vinho da Ravasqueira uma referência no Alentejo, para podermos analisar este projecto na perspectiva da validade económica», afirma. «Em 2005 devemos atingir uma produção que aponte para o equilíbrio económico da exploração», atingindo as 250 a 285 mil garrafas.

A actividade de vitivinicultura conta com Rui Reguinga como enólogo consultor e com Vera Moreira como enóloga residente.

Enoturismo e coudelaria

O Monte da Ravasqueira quer também expandir a sua actividade para o turis-



mo. «É indissociável a ideia de vinho de outras actividades», garante Manuel Amaral Cabral, que salienta que na herdade está instalada a coudelaria de onde saíram os cavalos lusitanos que ganharam o Campeonato do Mundo de Atrelagem em 1996.

A coudelaria tem hoje um total de 70 animais, dos quais 16 são éguas reprodutoras, e o objectivo de «manter o padrão da raça lusitana, tendo também como preocupação oferecer uma certa funcionalidade dos cavalos». A herdade alberga ainda

um museu de atrelados e um picadeiro.

Filipe de Mello diz que, além de actividades hípias, está a estudar a organização de cursos de vinho e que a Ravasqueira pode também acolher reuniões de quadros de empresas e associações já em 2004.

D. Joana casa Douro e Alentejo

DOIS prémios internacionais na primeira colheita do vinho D. Joana Encostas de Estremoz levam José Castro Duarte a reforçar o interesse na vitivinicultura na Quinta da Esperança, perto de Estremoz. As 100 mil garrafas da colheita de 2003, que será lançada em meados do próximo ano, representam uma multiplicação quase por oito do vinho engarrafado na quinta em cerca de três anos. O investimento na vinha, adega e equipamentos ronda os quatro milhões de euros.

Oriundo de uma família conhecida sobretudo pela produção de azeite e proprietária de uma das maiores manchas de olival ibérica (100 ha na zona de Sousel), José Castro Duarte iniciou a plantação de vinha em 1993, com 25 hectares. Seguem-se mais 20 hectares quatro anos mais tarde. Com a colaboração do enólogo Miguel Reis Catarino, introduz no Alentejo o primeiro processo de rega gota a gota, que na altura «a CVRA não autorizava e suscitou alguma polémica», diz Castro Duarte.

«O vinho e o azeite estão sempre de braço dado, não só pelo clima mas também no antagonismo: um é trabalhado no Verão e outro no Inverno», comenta.

Do total de área plantada, nove hectares são de Touriga Nacional, um de Tinta Barroca, cinco de Cabernet Sauvignon, sete Castelão Francês (Periquita), nove de Trincadeira preta, 3,5 ha de Aragonês, 5 ha de Alicante Bouchet, 0,5 ha de Mureto. «Na primeira plantação era ainda obrigatório plantar 30% de Periquita», lembra Castro Duarte. As castas brancas Fernão Pires, Perrum e Roupeiro representam 10 ha. «Ao fim de 3

anos entramos em produção. Ao fim de 5 anos começámos a vender a granel para a Roquevale e para as caves Aliança/Alentejo», acrescentou.

A vindima de 2001, considerado um bom ano para a região, leva Castro Duarte a fazer o Encostas de Estremoz, um tinto exclusivamente Touriga Nacional que ganhou a medalha de ouro no London Wine Challenge e o 1º prémio entre os melhores vinhos novos da Estremadura Espanhola e do Alentejo.

José Castro Duarte considera-se «herdeiro simultaneamente das Regiões do Douro e do Alentejo», dado que este produtor alentejano é casado com a tetranta de D. Antónia Ferreira — a «Ferreirinha».

Uma herança que se reflecte na gama de vinhos. Se a Touriga Nacional — casta forte do Douro — marca o Encostas de Estremoz, o Quinta da Esperança é uma segunda linha de vinhos muito alentejana que integra Aragonês, Trincadeira e Alicante Bouchet. O Terras de Estremoz, marca de volume (200 mil garrafas em 2003), é um vinho de lote geral. «Sou ciente em relação aos enólogos. Na Austrália, o enólogo faz o vinho da empresa e não de outros. Em Portugal, vive-se com os vinhos todos parecidos. Temos que adaptar os enólogos e não somos apenas fornecedores de material», afirmou, salientando que «a marca não é o enólogo».

Na adega da Quinta da Esperança, que entrou na segunda fase de ampliação, é também transformada a produção de mais 50 ha de vinha da herdade da Revenda, totalizando cerca de 100 ha.

H.C.M.

